

A Odisseia da Dor

Uma jornada em meio à dor e à dúvida



GUILHERME AUGUSTO

A Odisseia da Dor

Uma jornada em meio à dor e à dúvida

Autor

Guilherme Augusto

Revisão

Mariana Reis

Capa

Iolanda Queiroz

Diagramação

Nicholas de Brito

ISBN

978-65-00-76106-1

Contato

www.teologianasolitude.com.br

SUMÁRIO

05	INTRODUÇÃO
06	I - PROVOCAÇÕES
11	II - HAVIA UM HOMEM...
15	III - CORPO
19	IV - A CRUZ DE CRISTO
22	V - DIAS DIFÍCEIS
24	VI - FINITUDE
26	VII - SOPRO
28	VIII - O RETRATO DO SOFRIMENTO
31	IX - ATALHOS
33	X - VISÃO ESTREITA
37	XI - FIDELIDADE OU MORTE
39	XII - A FÉ DE JÓ
41	XIII - ALÉM DO PARÊNTESE DO TEMPO
43	XIV - DOR BENIGNA

SUMÁRIO

45	XV - O JUSTO SOFRE
47	XVI - DEUS ESTÁ NO CONTROLE
49	XVII - FALSO PODER
51	XVIII - DISTANTE DE DEUS
53	XIX - LIBERDADE INTERIOR
56	XX - QUANDO A IGREJA NÃO É UM PORTO SEGURO
58	XXI - ENTENDENDO AS PESSOAS
61	XXII - FINAL
64	BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

É durante o período de dificuldades que percebemos o quanto estamos sozinhos, visto que não é fácil seguir pela tempestade sem encontrar no trajeto pessoas que insistem em dar respostas decoradas para os nossos problemas. Principalmente quando um dos assuntos é crise de fé.

Relembrar a minha odisseia me traz um misto de alívio e a certeza de que em todas as etapas desta tempestade de fé, Deus estava comigo. Não é fácil passar por estes momentos, sendo que quase sempre os problemas cotidianos ajudam a amplificar ainda mais a dor. Contudo, o que eu aprendi serviu como lição, e eu a ofereço nestes capítulos.

Longe de simplificar seus problemas ou acalmar a tempestade que

você possa estar enfrentando, o que eu conto aqui é muito pessoal, e talvez ajude você a encarar o caos de uma forma diferente. A verdade é que nem sempre Deus nos tira das tempestades, existem dores que precisamos enfrentar, mas a grande questão é que ele não nos abandona.

Já pude ler inúmeros livros sobre sofrimento, sendo que alguns me trouxeram angústia pela forma como o autor tratava do assunto. Eu sei que Deus não nos abandona em meio à dor, mas isso não significa que o processo é fácil. Por isso, durante este período, busquei fontes seguras e sinceras. Autores que usavam a Palavra, mas que também tinham sensibilidade suficiente para entender que nenhuma dor é fácil.

I - PROVOCAÇÕES

Fazer uma faculdade foi um dos meus grandes sonhos. Eu sempre quis aprender mais teologia, ampliar meu conhecimento e descobrir mais ferramentas para interpretar a Bíblia. O que eu nunca achei que aconteceria era que eu teria inúmeras dúvidas e incertezas em pleno final de curso.

Foi quase na conclusão do meu bacharelado em teologia que eu tive uma crise de fé das mais graves, não tenho medo de confessar. Eu passava por um complicado problema de saúde, estava, também, lidando com uma depressão muito profunda e ainda por cima me encontrava desempregado, sentindo tudo ruir à minha volta.

Você não sabe o quanto eu clamei a Deus, o quanto pedi ajuda, me sentindo, entre uma oração e outra, abandonado, desprezado e sem esperança. É como se Deus tivesse me deixado à deriva, me abandonado à

própria sorte ou talvez como se ele nem existisse e fosse o fruto da minha imaginação. Acredite, eu pensei muito nesta possibilidade.

Já se sentiu desamparado? Já se perguntou onde estava Deus enquanto o caos acontecia? Já se sentiu sozinho entre as lutas? Tem dias que é quase impossível não pensar que Deus nos abandonou, eu mesmo já pensei algumas vezes, mas também aprendi muito com o meu momento de crise. O caos fez com que eu buscasse mais a Deus, procurasse respostas e aprendesse, sendo que, neste texto em questão, eu traço um pouco do caminho que percorri e as respostas que fui achando ao longo de todo o meu vazio.

Vale lembrar que o sofrimento é importante: ele deve ser uma espécie de trampolim que nos leva a Deus, a buscá-lo mais, a orar mais e a estudar mais a sua palavra. Tiago 1:2-3 diz:

A ODISSÉIA DA DOR

“Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança” (NVI).

A provação produz em nós perseverança, faz com que busquemos mais a Deus e entendamos mais a sua Palavra. Não podemos esquecer que Cristo já nos avisou que teríamos aflições (João 16:33).

Outro ponto importante que temos que ter em mente antes de embarcarmos em nossa reflexão é que todo o caos existe por causa do pecado, da desobediência do homem, do fato de que nós nos separarmos cada vez mais de Deus e, por isso, acabamos sempre no caos, ou sujeitos a todo o caos do mundo. Esta é uma verdade que precisamos

entender e aceitar. Mas o sofrimento suscita mais algumas perguntas, deixa no ar algumas questões. Assim, começarei falando das primeiras respostas que eu achei, para terminar falando do ponto final que eu coloquei na questão “Deus e o sofrimento”.

Na época, o sofrimento me levou até o livro de Jó. Foi nele que eu achei alento para a minha vida. É claro que eu não passei nem um terço do que ele passou, mas a história nos mostra que o justo sofre, sim, mesmo sem dever nada. O livro também evi-

dencia que nunca entenderemos os desígnios de Deus, nunca saberemos realmente a sua vontade, mas apesar de tudo ele sempre estará conosco, sendo que, no fim, o mal sempre acaba, é claro que acaba.

“Meus irmãos,
considerem motivo
de grande alegria o
fato de passarem por
diversas provações,
pois vocês sabem que a
prova da sua fé produz
perseverança” (NVI).

Contudo, foi em Gênesis 37, lendo a história de José, que eu tive um certo alívio. A história dele me inspira a confiar em Deus, mesmo passando por dificuldades. A parte boa é que o texto nos mostra que apesar de todos os problemas, Deus sempre transforma o mal em bem. Com isso tive algum alívio, mas continuei com algumas perguntas martelando minha cabeça, entretanto estas duas passagens bíblicas foram fundamentais em minha busca por explicação. Falarei delas depois, em textos que virão mais adiante.

O sentimento de abandono é a primeira sensação que temos quando tudo está a ruir. Não entendemos por que tudo está dando errado, com isso, fazemos perguntas das mais variadas a Deus e tentamos até algumas barganhas, mas geralmente sem sucesso, pois afinal Deus não precisa provar o seu poder. Lembre-se de que o diabo pediu provas a Cristo quando o tentou no deserto (Mateus 4:1-11), mas

Cristo não provou, pois quem é não precisa provar.

A pergunta que eu mais me fiz nestes dias é: por que Deus parece se calar quando passamos por períodos de sofrimento? Por que parece que estamos sozinhos, abandonados ante o caos?

O sofrimento e as inúmeras perguntas me levaram ao livro de C. S. Lewis chamado “O problema do sofrimento”. Neste livro, tive as primeiras e poucas palavras de consolo e algumas poucas respostas. Lewis é ótimo em lidar com o sofrimento; o panorama e a sua visão do porquê sofremos me ajudou muito na época, embora não tenha respondido a todos os meus questionamentos, e foi por isso que eu não consegui encerrar a minha busca. Logo no segundo capítulo Lewis resume bem o problema do sofrimento, sintetizando tudo o que eu ouvi de diversos sofredores e um pouco do que eu mesmo estava passando:

“Se Deus fosse bom, Ele desejaria tornar Suas criaturas perfeitamente felizes, e se fosse todo-poderoso, seria capaz de fazer o que quisesse. Mas as criaturas não são felizes. Portanto, a Deus falta a bondade ou o poder – ou ambas as coisas” (2006, p. 33).

Acredite, eu já ouvi muito isso de amigos, doentes e sofredores em geral, e confesso que sempre me calei diante destes questionamentos, principalmente porque eu não tinha resposta nem para os meus problemas, quem dirá para o dos outros. A resposta para a questão não é tão complicada, se torna ainda mais fácil hoje, que eu enxergo o sofrimento de uma forma bem

mais tranquila, apesar de continuar não achando fácil.

Deus é bom, mas não força, não obriga o homem a olhar para ele. Por termos liberdade de escolha, o tal livre-arbítrio, acabamos por escolher

sempre o mal, já que somos contaminados pelo pecado, e seguimos sofrendo. Por Deus amar, ele não força, e com isso sofremos porque não olhamos para Deus, por seguirmos egoístas e mesquinhos. O sofrimento aponta para Deus e mostra quem somos sem ele. É só por meio do sofrimento que conseguimos sair

da nossa vida alienada e ver além de nós. Eu gosto de uma citação de Lewis do livro “O grande abismo”,

“Se Deus fosse bom,
Ele desejaria tornar
Suas criaturas
perfeitamente felizes, e
se fosse todo-poderoso,
seria capaz de fazer
o que quisesse. Mas
as criaturas não são
felizes. Portanto, a
Deus falta a bondade
ou o poder – ou ambas
as coisas” (2006, p. 33).

que eu uso muito, em que ele resume bem o problema do sofrimento e sintetiza as primeiras respostas da minha busca por explicação:

Só existe um único ser bom, e esse é Deus. Tudo o mais é bom quando olha para Ele e mau quando se afasta d'Ele. (2006, p. 70).

O homem sofre porque é primeiramente livre e depois por ser pecador, porque escolhe sempre se afastar de Deus e não percebe que não é nada sem ele; o ser humano não faz ideia do quão mau e decaído é, e como o sofrimento é fruto destes homens maus.

O sofrimento aponta para Deus e mostra o que o homem é sem ele. Mas ele também nos tira da nossa zona de conforto, faz com que olhemos para o próximo e aprendamos a nos dedicar mais a ajudar. Muitas coisas boas surgiram de quem sofreu ou viu al-

guém a quem amava muito, sofrer. É normal nos fecharmos em nós mesmos, o sofrimento faz com que olhemos para fora, que tenhamos outros olhos e outras atitudes.

Estas são as primeiras respostas, mas existem muitas perguntas, variáveis e casos que iremos ver no próximo capítulo. A minha busca não havia acabado e algumas respostas não são suficientes para quem sofre, por isso esse texto é apenas o começo.

Só existe um único ser
bom, e esse é Deus.

Tudo o mais é bom
quando olha para Ele e
mau quando se afasta
d'Ele. (2006, p. 70).

II - HAVIA UM HOMEM...

No primeiro texto vimos que o sofrimento existe porque o homem pecou, virou as costas para Deus e segue da forma que melhor lhe apraz. A dor é fruto do pecado e da maldade humana, mas o problema com este conceito é que tal explicação não serve para o caso de Jó.

Considero Jó um dos livros mais intrigantes da Bíblia. Sua narrativa, todo o seu sofrimento, acaba sendo uma espécie de alento para nós que constantemente sofremos. Eu não conheço ser humano algum que sofreu tanto quanto Jó, mas conheço muitos que, ante o sofrimento, fazem perguntas e questionamentos a Deus tentando entender por que o caos às vezes os persegue. Sendo que eu fui um deles e foi o livro de Jó que me deu as primeiras respostas, como eu deixei claro no primeiro capítulo. Porém, primeiro vamos tentar entender um pouco este livro

para que assim entendamos melhor a sua mensagem.

Jó é um dos livros mais antigos da Bíblia, com isso é considerado como o primeiro. O livro tem como tema o problema do sofrimento, sendo que um ponto fica claro no livro todo: o justo também sofre, mas não é só isso. Percebemos no livro algumas outras coisas curiosas. A primeira é que Deus não é chamado pelo nome pessoal que os israelitas comumente chamam, que é Javé, mas sim de Elohim.

A segunda é que o texto foi escrito em hebraico muito mais antigo que o hebraico do Velho Testamento, validando assim o seu título de primeiro livro da Bíblia (RICHARDS, 2013, p. 367).

O livro de Jó foi escrito muito tempo antes de Moisés, sendo que ele não faz menção à lei, a Abraão ou a patriarca algum, mas o livro com

certeza foi escrito por um israelita apesar de Jó mesmo não ser um. Carson et al explicam que:

“Jó não é um israelita, ele é um integrante dos “povos do leste”, ou seja, que ficam a leste do Jordão” (Uz é Edom, a sudeste de Israel) (CARSON et al, 2012, 700).

Poderíamos dizer então que Jó é a primeira prova de que Deus se revela a diversas culturas ao redor do mundo, que Deus não está preso em uma caixinha. Entretanto, não temos apenas Jó na narrativa, temos mais alguns indivíduos que provam que Deus se revela ao homem e eles são: Elifaz, Bildade e Zofar (Jó 2:11), os três amigos de Jó, que são de países desconhecidos. O problema é que é difícil de identificar com certeza seus países de origem. Temos também o jovem Eliú que aparece quase no fim do livro, contudo o texto não dá muitas informações suas, sabemos apenas que são estrangeiros que conheciam a Deus.

“Esses cinco homens tementes a Deus viviam na terra de Uz. Ninguém sabe como vieram a conhecer Deus em Uz, sem ajuda de Abraão. De fato, ninguém sabe sequer onde ficava Uz!” (RICHARDSON, 1995, p. 87).

Sabemos também que o livro se fundamenta nas perguntas: Qual é a motivação que leva o homem a servir a Deus? Jó vai continuar seguindo a Deus mesmo depois de todas as catástrofes? E como agir quando Deus se cala diante dos nossos problemas? (ZUCK, 2014, p. 292). Eu acrescentaria, por minha própria conta, mais uma pergunta: justo sofre? O livro parece nos mostrar que sim.

O texto começa falando “Havia um homem...” (Bíblia ACF). Não era qualquer homem, muito menos uma pessoa aleatória. Era um homem justo, honesto e temente a Deus, era alguém que Deus escolheu para mostrar a Satanás como ele estava errado. Como este encontro se deu,

a Bíblia não explica, só sabemos que aconteceu da forma descrita no texto. Temos algumas boas teorias para explicar tal encontro, mas me manterei preso aos fatos e à mensagem em si, não abordando tais teorias.

No encontro, Satanás faz uma acusação, e qual seria tal acusação? Satanás acreditava que Jó só era fiel porque Deus o encheu de bens. Ao longo da narrativa, quando Jó continuou fiel em meio às perdas materiais e Satanás começou a perder a razão, ele mudou para saúde, mas Jó continuou fiel. Mesmo sem saúde e já sem dinheiro, parece que o acusador estava errado.

A parte que eu admiro muito em Jó é que mesmo com este poder todo ele continuava sendo íntegro, reto e temente a Deus (v. 1), coisa que eu já acho um grande feito, já que muitas vezes, por pouca coisa, esquecemos de Deus. Este homem era tão exemplar que o próprio Deus confirma a índole deste servo em várias partes

do texto bíblico. Só não podemos nos esquecer de uma coisa muito importante sobre o capítulo 1 e 2, que é fundamental para entendermos o texto todo. Ele é uma espécie de introdução ao livro. Não podemos ler o livro tendo como base o desafio que Deus fez para o Diabo, nosso ponto de vista ao ler o texto deve ser o de um sofredor que não sabe o porquê estava sofrendo. Temos que sempre nos lembrar de que ele não sabia da conversa de Deus, com isso, certa-

“Esses cinco homens tementes a Deus viviam na terra de Uz. Ninguém sabe como vieram a conhecer Deus em Uz, sem ajuda de Abraão. De fato, ninguém sabe sequer onde ficava Uz!” (RICHARDSON, 1995, p. 87).

mente ele não entendia aquele caos todo. E por ser justo e íntegro, certamente ele devia estar muito confuso.

É fácil servir a Deus quando tudo está bem, quando temos dinheiro no banco, um bom emprego e saúde. O desafio é servir quando o caos vira rotina em nossa vida. A acusação do diabo é justamente esta, “Jó era fiel a Deus porque Deus o cercava de bens, dinheiro e saúde”, mas ele provou que o acusador estava errado. Com isso, a pergunta que eu deixo é: e nós, também provaremos que Satanás está errado? Continuaremos fiéis a Deus mesmo diante das tribulações? Jó continuou fiel e mesmo perdendo os filhos e seus bens, proferiu uma das mais maravilhosas frases que eu já li:

“Saí nu do ventre da minha mãe, e nu partirei. O Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor” (Jó 1:21) (NVI).

É claro que eu me envergonhei. Eu estava em uma busca por respostas e

não tinha passado um décimo do que Jó passou. Quando li sua oração, me senti pequeno e de alguma maneira hipócrita por achar que Deus me devia explicação. Não tem como não se envergonhar e ao mesmo tempo não admirar Jó quando vemos qual foi a sua atitude ante o caos. A sua fé nos inspira, a sua confiança me faz olhar para Deus e o buscar ainda mais.

Jó é uma grande exceção, é um homem de posses que não deixou que elas definissem a sua vida. Jó nos ensina a ser fiel mesmo na falta, a glorificar a Deus mesmo em meio ao caos e à doença.

Quem Deus é para você quando tudo na sua vida está dando errado? Esta é uma das perguntas que o texto de Jó fez e que me levou a pensar, refletir e meditar por muitos e muitos dias.

Lembre-se que o modo como enxergamos Deus define a nossa caminhada e como vamos reagir frente às intempéries.

III - CORPO

Há muito tempo no trabalho, uma amiga me perguntou sobre o sofrimento, e como eu já estava em busca de respostas, comecei a explicar todo o problema que envolve o assunto. Falei que o homem sofre porque é livre e sempre escolhe se distanciar de Deus, tal como abordei no primeiro capítulo. Ela ouviu pacientemente, aceitou a minha explicação, mas terminou me fazendo uma pergunta que me paralisou: Então por que a minha sobrinha nasceu com câncer? Por que Deus permite que pessoas nasçam doentes? Se o homem sofre porque usa mal o livre-arbítrio, o que dizer das pessoas que sofrem catástrofes naturais, tsunamis e terremotos?

As perguntas me obrigaram a colocar meus pés no chão para não tratar o assunto de forma leviana. Ainda mais que a dor, para cada um, tem um tom, uma nota, e uma dificuldade. Nem todos encaram os problemas

da mesma forma. Com isso, nossas respostas, apoios e auxílios devem ser dados com compreensão e respeito.

Existe outra pergunta profunda que me vem à tona quando eu falo sobre o sofrimento: a questão veio de um outro amigo que também viu alguém a quem amava sofrer muito por causa de sua saúde. O que ele me perguntou foi: se o sofrimento vem muitas vezes para nos ensinar, será que Deus não tem outra forma de ensinar que não seja por meio do sofrimento? Tais questões são sempre difíceis de responder.

O sofrimento nos ensina, isso eu não tenho dúvidas. Eu também sei que muitas vezes é a dor que Deus usa para nos mostrar algo, mas eu ainda acho que não devemos nos guiar por esta exceção. Nem sempre racionalizar a dor do próximo é sábio, principalmente porque não sentimos o que ele está sentindo, falar dos outros es-

tando em uma situação totalmente oposta é sempre perigoso, e deve ser feito sempre com muito cuidado.

O problema é que estamos sempre tentando ajustar Deus, suas ações - ou falta delas - a nós e ao nosso ponto de vista. Queremos que ele seja como nós, e aja de acordo com o que acreditamos. Deus é Deus, com isso, já temos que ter em mente que por ele ser Deus, não criado, eterno e poderoso, nós, seres humanos criados, o entenderemos pouco. Um Deus que é definível certamente é finito, com isso ele não é Deus.

Uma questão que temos que entender quando falamos do sofrimento e de Deus é que Deus não é a vida. A vida é uma coisa, a sociedade da forma como é, injusta, falha, brutal e mesquinha, assim o é porque é composta por seres humanos pecadores. Philip Yancey completa:

“Aprendi a ver além da realidade física deste mundo. Vejo claramente a realidade espiritual. Nossa tendência

é pensarmos: “A vida deve ser justa porque Deus é justo”. Mas Deus não é a vida” (YANCEY, 2004, p. 191).

Não temos certeza do porquê muitos nascem doentes, e eu nem me atrevo a responder o motivo de muitos sofrerem com catástrofes. Mas eu sei que Deus criou a vida, o homem pecou e decidiu seguir de costas para ele. Quando eu vejo o sofrimento hoje, eu não consigo perguntar, onde está Deus?, mas sim, onde está a igreja? Por que nós não estamos fazendo algo?

Enquanto eu escrevo este texto, um amigo está na África atuando como missionário. Ele inclusive é formado, possui mestrado e tinha um ótimo emprego quando abriu mão de tudo para atender ao chamado de Deus. Enquanto eu escrevo este texto, eu me lembro de outro amigo que já arriscou a sua vida para ir a países islâmicos pregar o evangelho, coisa que ele também não precisava fazer por ter muito mais opções de traba-

lho. Enquanto eu escrevo este texto eu me lembro de um conhecido que é médico, que de tempos em tempos se alista como voluntário para trabalhar em países assolados por catástrofes.

Nós somos o corpo e Cristo é o cabeça, nós somos seus servos aqui na terra. Com isso, entender o nosso papel diante da dor é importante. Enquanto o caos existir, nós temos que estar a postos, apontando para a cruz, levando o evangelho a todos os feridos.

A Bíblia fala de um novo céu e de uma nova terra, fala de um lugar onde não haverá mais dor. Mostra que a sociedade que Deus constrói é perfeita, sem dor ou doença. Quando eu leio sobre enfermidades,

lembro justamente disso, e agradeço a Deus por ter esta esperança e me recordo que é a minha missão levar esta esperança às outras pessoas, que é minha a missão ser diferença.

Não sabemos explicar o porquê da dor, mas sabemos quem é a solução. Deus é a vida, ele veio para nos dar vida, e nos chamou para sermos luz e sal. Se não fizermos diferença,

os sofredores continuarão buscando resposta e nós continuaremos em silêncio, como se a responsabilidade não fosse nossa.

O interessante é que quando olhamos para a história de Jó, não conseguimos encontrar explicação alguma. Por que um homem justo tem que sofrer? Por que Deus

“Aprendi a ver
além da realidade
física deste mundo.

Vejo claramente a
realidade espiritual.

Nossa tendência é
pensarmos: “A vida
deve ser justa porque

Deus é justo”. Mas
Deus não é a vida”

(YANCEY, 2004, p.
191).

usou justo Jó para mostrar a Satanás que ele estava errado? Por que algumas boas pessoas sofrem com catástrofes e problemas inexplicáveis? Nós não sabemos, e acredito que nunca encontraremos explicação, mas eu sei o quanto nós podemos ser diferença quando estes dias chegarem.

Em meio ao meu problema, enquanto enfrentava momentos realmente difíceis, tentando racionalizar, entender e explicar, eu recebo uma mensagem. Um texto que parecia simples, mas que me tocou, a frase se resumia em algo parecido com “estamos sentindo falta de você aqui na igreja”. Por conta dos problemas, eu estava desanimado, nem estava indo mais na igreja. O cinza havia invadi-

do o meu peito e eu optava em ficar os finais de semana em casa, fechado em minha dor. Entretanto, poucas palavras me ajudaram a não me sentir sozinho, por conta de atitudes aos olhos de alguns eu me senti amado, e tive forças para me levantar e agir.

O mundo sofre com injustiças, catástrofes e doenças, mas nós estamos aqui para ser diferença. Deus é Deus, ele criou tudo, mas não tem qualquer responsabilidade pelo caos. O que sabemos é que ele prometeu nos ajudar, e levantou um povo que é porta-voz da sua mensagem. Um povo que é responsável por levar vida no caos, cultivar jardins nos desertos, levar esperança onde ela não mais existe.

IV - A CRUZ DE CRISTO

O homem tem a mania feia de reclamar, é comum reclamarmos ao sinal dos menores problemas, e, apesar de Jó ter reclamado um pouquinho mais adiante no texto, o que ele fez antes foi justamente ficar quieto. O capítulo 2 acaba no silêncio de Jó (2:13).

Confesso que este silêncio me intriga, pois é difícil nos mantermos quietos em meio ao caos, não é? É muito raro vemos pessoas sofrerem quietas, normalmente botamos a boca no trombone, gritamos para o mundo e até algumas vezes oramos indignado a Deus, perguntando o porquê dele permitir tais problemas. Isso sem contar com os inúmeros exemplos na Bíblia que você lê em Salmos, Lamentações ou até mesmo nas cartas de Paulo, quando ele ora e insiste para que Deus o cure. Mas Jó ficou quieto. Intrigante...

Talvez estivesse pensando e ten-

tando lembrar se fez algo de errado ou tentando achar um motivo para aquele sofrimento todo. Não sabemos, só sabemos que ele se silenciou por sete dias. Lembre-se de que Jó não sabia da conversa entre Deus e o diabo, ele sofria sem saber o motivo. Ele era justo e sabia disso, com isso, reclamar por seus direitos era o mais óbvio a se fazer, mas ele preferiu o silêncio. Às vezes o silêncio é a única atitude certa, ele nos impede de falarmos besteiras e tomarmos atitudes erradas. Infelizmente, o seu silêncio foi por poucos dias, embora isso não tire o seu mérito. A dor é inexplicável, estar entre o caos não é tão fácil assim e nem sempre teremos respostas para os nossos problemas, mas é possível passar por este período com os pés no chão. Contudo, não posso cometer o erro de falar da dor, sem antes falar de Cristo. Seria um erro dos mais graves se eu deixar

o assunto passar.

A Cruz é uma prova que o justo sofre, é a ação de um Deus que se doa, mesmo sendo o único e verdadeiro justo que morre. Eu não consigo imaginar, quantificar e muito menos explicar um Deus que despe-se de toda a sua glória, para vir ao mundo como um ser humano limitado, e se doa por amor. A própria atitude é sem explicação, com isso eu me lembro de mais alguns questionamentos.

Eu tenho muitos amigos ateus, sendo que um deles, de uma forma bem enfática e um tanto raivosa, um dia em uma discussão, falou que um Deus não pode morrer, é inconcebível falar de um Deus que se doa e que sofre por amor a homens. Eu concordei com ele, reiterei que sim, este ato altruísta é inexplicável, contudo, Deus também não se explica, seria igualmente contraditório nós, seres humanos, explicarmos Deus. Com certeza, falei para ele, o dia que conseguirmos explicar Deus, estaremos

totalmente equivocados. Se o sofrimento já é um tanto quanto difícil de se explicar, quem dirá Deus. Mas, uma coisa temos certeza, quando falamos do Deus da cruz, este inexplicável Deus que sofreu, falamos de alguém que “entende a nossa dor”.

Em um mundo de dor, em uma sociedade injusta onde muitos sofrem, onde a impiedade e o preconceito reinam, saber que Cristo passou por tudo isso, sofreu, se doou, foi injustiçado, é um alívio. Pois uma coisa podemos ter certeza nesta hora, Deus entende o nosso sofrer. John Stott, no livro “Por que sou cristão” complementa:

“O único Deus em quem eu creio é aquele que Nietzsche, filósofo alemão do século 19, ridicularizou, chamando-o de Deus sobre a cruz. No mundo real da dor, como adorar a um Deus que fosse imune a ela?” (2004, p. 67).

Em um mundo de dor, seguir a um Deus que entende o timbre da dor nos seus níveis mais extremos é um

alívio. Foi o que me consolou, foi o que me fez chorar e clamar por saber que ele me entende.

Em meio à minha crise de fé, procurando respostas, tentando achar explicação para todo o cinza, nem sempre eu conseguia orar. Tinha dias que eu me levantava da cama e ficava apenas em silêncio, quieto, tentando achar sentido ante todo o caos. Era bem nestas horas que a imagem da cruz vinha em minha mente, as cenas de sofrimento e escárnio me faziam lembrar de que Deus me compreendia, com isso, eu me sentia consolado, por saber que ele entendia a minha aflição.

O propósito desta série de textos é muito mais que explicar, é compartilhar a minha odisséia, é mostrar os

caminhos percorridos e mostrar que nem sempre racionalizamos tudo, mas que é possível encontrar alento em meio ao caos.

“O único Deus em quem eu creio é aquele que Nietzsche, filósofo alemão do século 19, ridicularizou, chamando-o de Deus sobre a cruz. No mundo real da dor, como adorar a um Deus que fosse imune a ela?”
(2004, p. 67).

V - DIAS DIFÍCEIS

Quando tudo está difícil você ora e pede uma saída para Deus, não é assim que nós aprendemos? Busque a Deus com fé que ele vai te ouvir. O grande problema é quando não somos atendidos, quando oramos e nada acontece, quando clamamos, choramos aos pés de Deus e o caos permanece, e às vezes até piora.

Com isso, alguns vão alegar falta de fé, ou que Deus não te atendeu por você ter duvidado e tem até quem fala que os problemas vêm para nos fortalecer, já ouviu isso? Quem é inteligente aprende com os seus problemas, quem não é fica reclamando. A grande questão é quando uma pessoa está com câncer, parálitica ou inválida, certas lições são difíceis de aprender...

Há quem diga que alguns estão apenas colhendo aquilo que plantaram, ou que Deus está castigando quem foi infiel. Como se nós também

não fossemos infiéis, pecadores e falhos. O interessante é que muitos dos que dão estes tipos de conselhos se colocam de fora, como se fossem perfeitos, sem falhas.

Penso que alguns destes pontos de vista têm as suas verdades, é claro que podemos aprender com nossos erros, é evidente que o sofrimento nos faz mais fortes e algumas vezes nos faz enxergar coisas que em dias normais não veríamos. E é claro que eu sei que Deus ouve nossas orações e nos responde, da sua maneira, é evidente, mas responde. A minha grande crítica é que nem todos os conselhos ajudam quem está passando por necessidades, e muito menos dão uma saída para o caos.

Entenda que todos sofrem, o sofrimento tem como ponto de origem o pecado do homem. O homem desobedeceu, se distanciou de Deus, e por conta disso, sofre. Entenda também

que Cristo veio aqui na terra para nos dar salvação, e não uma vida de flores e alegrias. Ele nos avisou que sofreríamos e mandou ter bom ânimo.

Nem sempre é sol, não são todos os dias que podemos viver uma vida tranquila e cheia de paz, pois vivemos em um mundo onde impera o pecado, uma sociedade que tem como base a mão de homens falhos. Por isso, sofrer é inevitável.

Para mim, o sofrimento nos traz dois grandes ensinamentos. O primeiro é: onde a mão do homem tocar, sempre haverá dor, mal, injustiças, doenças e egoísmos, seja isso em larga escala, como vemos em alguns países de regime totalitário, ou em pequena escala, nas injustiças que observamos no dia a dia, nas doenças endêmicas ou nos desastres naturais. Enquanto o homem reinar, o mal reina, não tenha dúvidas. O segundo grande ensinamento é: o homem não pode sobre-

viver sem Deus. E acredito que esta é a grande lição que o sofrimento traz, sendo este também o motivo pelo qual sofremos

Sem Deus não somos nada, sem ele o homem é só destruição e dor. É isso que eu enxergo quando vejo os homens sofrerem, é isso que ao meu ver evidencia a dor. Ela existe por conta da falta de Deus. E a dor só se extinguirá quando Cristo voltar e acabar com este mundo podre e doente.

Sobre os dias difíceis, eu já não posso te dar uma fórmula, pode ser por tantos motivos que é impossível termos certeza do motivo pelo qual às vezes passamos pelo caos. Mas uma coisa eu sei, o caos nos aproxima de Deus. É ele que nos tira do comodismo e faz com que nos joguemos aos pés do Senhor. A vida fácil normalmente nos deixa relaxados, os problemas fazem com que delimitemos mais as nossas prioridades e olhemos mais para a cruz.

VI - FINITUDE

Pode ser que em todos estes textos que eu escrevi sobre o problema do mal eu tenha sido simplista, quem sabe quando eu tento falar sobre Deus e sobre a dor, eu esteja sendo sem coração ou prático demais, quem sabe...

Contudo, quando escrevo sobre o problema do mal, ou sobre a injustiça no mundo, tento deixar claro um fator apenas: o ser humano é um ser finito e dependente demais para conseguir visualizar a verdade de forma completa, o ser humano não é nada sem Deus.

Estes dias eu tive uma prova disso, quando apenas uma dor de dente foi suficiente para me deixar desesperado de dor. Às vezes o desespero não é o dente, é a falta de emprego, uma doença sem cura ou a perda de um parente querido. Tudo isso mostra o quanto somos pequenos.

Eu costumo usar Romanos (1:18-

23) para enfatizar como a natureza evidencia a existência deste Deus maravilhoso, mas o ser humano mesmo diante de tal constatação, o abandonou. Contudo não precisamos ir tão longe, basta olharmos para nós mesmos. O quanto somos pequenos, egoístas, o quanto criticamos Deus por não resolver o mal, mas não tardamos em acumular riquezas, a viver a vida para o lucro como se não fossemos responsáveis por tudo o que acontece no mundo. Culpar a Deus é fácil, assumir a responsabilidade já são outros quinhentos.

O homem é uma contradição ambulante, a humanidade que critica é a mesma que vira as costas para o necessitado, ou passa por cima de quem tenta ganhar o seu pão. Julgamos o mundo com nossa visão, olhamos para Deus com nossos olhos finitos e mesmo assim concluímos conhecer e entender quem Ele é e o quanto Ele é

“injusto” por não sanar a nossa “dor”.

Acredito que antes de refletirmos o porquê Deus não faz determinadas coisas, temos que nos perguntar por que nós não fazemos, por que jogamos nas costas de um Deus problemas que nós mesmos criamos.

A grande contradição do homem é viver em sociedade, uma sociedade injusta e cobrar a Deus o porquê Ele não faz alguma coisa. Amigo, Deus é Deus, ou você escolhe viver como ele nos aconselha viver, ou você segue os padrões estabelecidos pelos homens, que geralmente são injustos.

Alguns acreditam ter respostas para tudo, e por isso se acham inteligentes, alguns detêm em suas mãos o conhecimento, acreditam que a tecnologia e a ciência vão desvendar todos os mistérios da humanidade. Somos livres para pensar e formular nossas conclusões, mas não consigo acreditar que a ciência vá achar respostas para tudo. Aliás, com o advento da inteligência artificial, a ciência

tem gerado mais perguntas que respostas, a principal delas é: quando tivermos máquinas e robôs autônomos, em que o homem vai trabalhar?, entre tantas outras perguntas.

Não acredito que um ser humano, que sucumbe ante uma dor de barriga, que mal consegue jogar o seu próprio lixo na lixeira, ou desmata como se não houvesse amanhã, conseguirá um dia conhecer todos os mistérios que as duzentas milhões de galáxias escondem, quem dirá conhecer a Deus.

Não estou afirmando que por isso, por sermos finitos e limitados, devemos parar de buscar a verdade, conhecer ainda mais a vida e construir novas tecnologias. E sim, que devemos ter a humildade de reconhecer que não somos nada, que somos muito pouca coisa e com isso entender que nem todas as nossas dúvidas serão sanadas. E acima de tudo, reconhecer que temos arranjado mais problemas que soluções.

VII - SOPRO

Quando eu era mais novo, não existiam as facilidades que temos hoje para ouvir música, vídeos e shows. Normalmente, para assistir a um clipe, tínhamos que acessar alguns canais especializados em música e depois procurar o CD da banda para comprar e ouvir.

Um dia desses, enquanto ouvia algumas músicas em um destes canais de música na TV, ouvi uma banda em particular que eu gostei muito. Curioso para ouvir mais músicas, me dirigi à loja de CD para comprar o material daquela banda. Chegando lá, fui tratado muito mal por não conhecer a tal banda. O vendedor se achava o conhecedor e me diminuiu por eu não conhecer. Saí frustrado da loja, enquanto o vendedor perdeu um cliente.

Insistentemente e depois de ter superado tal situação, me dirigi a uma outra loja de CD para procurar o material da banda, que não saía da minha

cabeça. Quando um outro vendedor me atendeu e eu disse que não conhecia o grupo e que havia apenas ouvido uma música na TV, ele com um sorriso falou que não havia problema e me explicou tudo sobre a banda com uma humildade ímpar de quem sabe que ninguém nasce conhecendo tudo. Duas abordagens, duas formas de enxergar uma situação, mas apenas uma das atitudes fez a diferença.

Quando eu leio sobre os amigos de Jó ou relembro todos os problemas no qual passei, eu lembro desse ocorrido. Pois o que aconteceu com Jó foi algo um pouco parecido.

Ele sofria injustamente, seus amigos foram até ele para ajudar, mas chegaram achando que sabiam de tudo, que tinham a solução para o seu problema. Eles acreditavam que tinham a resposta e optaram por impor ao invés de dialogar e tentar compreender. Jó, no versículo 7:7, diz que

a vida é um sopro, a existência é curta e fraca, ele sabia da sua finitude e do quanto era limitado, coisa que às vezes esquecemos.

O meu maior problema enquanto passava por dias difíceis era lidar com as opiniões de amigos que mal entendiam o que eu estava passando. Eram frases orgulhosas, sem diálogo, sem compreensão e dita de cima para baixo.

A verdade é que, em algum grau estamos sempre influenciando ou sendo influenciados – seja em nossa família, com filhos, sobrinhos ou amigos. Com isto é básico ter humildade, pois da forma com que influenciemos, ensinamos e ajudamos, nós também de alguma maneira estamos aprendendo. Seja com amigos, professores ou profissionais.

A vida é um sopro, o nosso tempo é curto, a vida é um instante, não sabemos de tudo, e com isso a humildade se torna básica para que em nosso círculo de amigos façamos a diferen-

ça, e não a indiferença.

A consciência de que a vida é um sopro nos aproxima de Deus, nos torna humildes e em constante busca de dependência e de sua graça. A consciência da finitude nos faz pôr o pé no chão e concluir que não sabemos de tudo.

Em meio ao caos e a esta complicada busca, percebi que ao ajudar um amigo, nem sempre a nossa opinião é a que vai ajudar, e sim, o quanto você ouve, apoia e caminha junto. Não temos respostas para tudo, mas podemos dar o apoio, o ouvido e a compreensão, e isso não é possível sem humildade e sem entender o quanto somos limitados.

Neste meu período de caos, as pessoas que me ajudaram foram as que antes das respostas, me apoiaram e caminharam comigo, e às vezes em total silêncio, sem me dar resposta alguma. Por isso, antes de oferecer sua opinião para uma pessoa que está passando por problemas, ofereça o seu ouvido e o seu apoio.

VIII - O RETRATO DO SOFRIMENTO

O livro de Jó tem vários detalhes e trata da dor e do sofrimento de forma bem explícita, como estamos vendo. Para quem sofre, o livro é um alento, afinal, em um mundo de dor, sofrimento e injustiça, é reconfortante ver a Bíblia tratar tais questões de forma aberta e honesta. Não há fórmulas pré-fabricadas e nem pontos de partida idealizados e irreais. Apenas, e tão somente, o homem, sua dor e uma intrínseca busca por respostas. E Deus, sendo senhor de tudo em meio ao caos.

Entre tantas lições que podemos tirar do livro, uma delas é que o sofredor acaba se deparando quase sempre com um cenário parecido com o de Jó. Não que a dor e o sofrimento sejam iguais, e sim, que a situação de quem sofre é muito parecida.

Não basta sofrer, e também não

basta ter que lidar com as dúvidas que um sofredor cristão tem que enfrentar. Tal qual Jó, o sofredor quase sempre se depara com pessoas que tentam explicar o seu sofrimento, e o pior, receitando fórmulas mágicas para os problemas alheios. Isso quando ele não atribui a dor a erros pessoais, a Deus e uma possível lição ou qualquer outra teoria que não ajuda, na maioria das vezes atrapalha ainda mais. Não basta o sofrimento, alguns optam por jogar ainda mais fardos, crendo estarem ajudando.

A dor não se explica, muito menos conseguimos medir a intensidade dela, visto que em cada pessoa, ela tem um impacto e um efeito. Cada um encara o sofrimento e a dor com uma lente, não dá para generalizar um momento de aflição, pois para cada um, ele é único.

O livro de Jó é também um retrato de uma situação que comumente um sofredor passa. É o roteiro pronto de pessoas que, em meio ao caos, pioram ainda mais a situação. O interessante é que os amigos de Jó acabam tendo uma atitude parecida com a de Satanás – nos primeiros capítulos do texto, acusam e acreditam que Jó estava envolvido em uma situação de causa e efeito (YANCEY, 2006, p. 50-51). Philip Yancey no livro “A Bíblia que Jesus lia” complementa resumindo que:

“Em resumo, os amigos de Jó surgem como os dogmatistas justos aos próprios olhos que defendem os caminhos misteriosos de Deus. Confiantes de suas doutrinas sem falhas e de seus argumentos sólidos, decretam uma condenação contra Jó” (2000, p. 51).

Em meio a dor e aos problemas, olhares e até palavras são ouvidas e a frase é quase sempre a mesma: o que será que ele fez para estar so-

frendo assim? É sempre mais fácil tentar resolver a dor e o sofrimento alheio, a questão é quando a ferida é em nossa pele.

Depois do meu período de dor e de dificuldade, passei a ter cuidado ao falar com quem sofre. Perdi aquela sede de explicar, e descobri que quase sempre não entendemos a dor do outro. Uma dor, uma depressão, um momento de caos e lutas são únicos, são batalhas secretas que apenas quem está enfrentando, sente e compreende.

Em meu período de caos, ouvi muitas receitas e percebi olhares que não só desdenhavam da minha situação, mas também atribuíam a mim todo aquele caos. Nem sempre temos culpa, às vezes passamos por situações que não controlamos, e muito menos entendemos o porquê. É claro que em algumas situações a culpa é toda nossa, mas é importante tentar entender isso, e o principal, saber dar um conselho em um momento tão difícil,

caso a culpa seja dele.

Os meus dias eram cinzas quando resolvi desabafar com um amigo, eu precisava tirar do peito tudo o que me afogava. Em resposta, ouvi a frase que mais me ajudou, eu a ouço, de forma bem nítida, quando lembro daqueles dias complicados. Meu amigo falou: “Guilherme eu nem sei o que dizer, mas eu estou aqui com você, você não está sozinho”.

Em meio à dor, o que mais vale é estar presente, é dar apoio e se abster de tentar quantificar ou de construir fórmulas que só servem para máquinas. Um ombro amigo vale muito mais do que receitas. Orar, ouvir e apoiar, é a verdadeira ajuda, o resto é

carga extra que o sofredor acaba tendo que carregar.

“Em resumo, os amigos de Jó surgem como os dogmatistas justos aos próprios olhos que defendem os caminhos misteriosos de Deus.

Confiantes de suas doutrinas sem falhas e de seus argumentos sólidos, decretam uma condenação contra Jó”

(2000, p. 51).

IX - ATALHOS

Eu, quando era mais novo, costumava fazer trilhas. Passávamos a noite toda percorrendo uma mata fechada só pelo prazer de andar pela natureza. Em uma destas caminhadas, conhecemos alguém que conhecia um atalho para chegar mais rápido ao fim da trilha. É claro que ficamos felizes, o grande problema é que nos perdemos, e demoramos ainda mais do que se estivéssemos pego o caminho normal.

Descobri uma grande lição quando tive que lidar com este período difícil, que para você conseguir respostas e explicações realmente relevantes, você não pode pegar atalhos. Ao contrário do que muitos pensam, os atalhos não são úteis. Eles

cortam caminho sim, mas também cortam as experiências que deixamos de viver ou aprender ao cortarmos o caminho. Philip Yancey complementa este ponto afirmando que:

“Ansiamos por atalhos. Mas os atalhos geralmente nos afastam do crescimento, não nos aproximam dele” (2004, p. 220).

Todas as dúvidas e os questionamentos que eu tive sobre a fé, me levaram a buscar respostas. Foi isso que me motivou a ler ainda mais, pesquisar e, é claro, orar. Hoje conheço muitos autores importantes, além de

entender a dor e o sofrimento por outro viés. O sofrimento me fez crescer, aprendi e cresci muito com ele, coisa que não iria acontecer se tudo tivesse sido

*“Ansiamos por atalhos.
Mas os atalhos
geralmente nos afastam
do crescimento, não nos
aproximam dele” (2004,
p. 220).*

resolvido de forma mágica, com uma espécie de atalho.

Você deixa de aprender quando pega atalhos, e por mais que busquemos em Deus por respostas e oremos pedindo um milagre, todo o processo de busca, entrega e confiança que depositamos em Nele acaba sendo uma lição, que nos faz crescer e confiar ainda mais em seu cuidado.

Não adianta olhar a resposta atrás do livro, é preciso se debruçar no problema matemático e procurar resolver, e assim também é na vida. O processo de prática, reflexão e resolução é a lição que trará a você aprendizado e crescimento (2004, p. 220).

Eu lembro ainda da primeira trilha que eu fiz, era uma caminhada de mais de 6 horas. O caminho era bem acidentado, tinha rios, e alguns trajetos que era preciso escalar, mas

era muito legal chegar no final. A sensação de dever cumprido, a beleza e toda a experiência do trajeto, foram impagáveis.

Nem sempre (ou quase nunca) Deus responde a nossa oração de forma milagrosa. Às vezes ele muda o modo como vemos as coisas, nos dá força para enfrentar o caos, ou mesmo muda o nosso olhar diante dos problemas. Eu vejo a oração muito mais como uma entrega do que como uma fórmula mágica. Pois quando Deus age, quase sempre é em nós.

Depois de todo este período, fiquei mais forte e entendi a questão que por muitos anos me deixava com dúvidas e sem resposta. O sofrimento me ensinou a, acima de tudo, olhar para Deus e seguir, sem tirar os olhos dele, e que no mais, atalhos não nos levam a lugar algum.

X - VISÃO ESTREITA

“A dor estreita a visão.
Sendo a mais pessoal
das sensações, ela nos
força a pensar quase
que exclusivamente em
nós mesmos” (YANCEY,
2004, p. 252)

Já reparou como o nosso problema é sempre o mais difícil? Já percebeu o quanto quantificamos os nossos sofrimentos e diminuimos os problemas dos outros? Isso quando não fazemos o oposto, nos comparamos com os outros e agradecemos a Deus por não estarmos naquela situação, em uma espécie de reflexão comparativa, onde o outro é um padrão para a minha vida.

Como a citação diz, a dor estreita a visão. A dor faz com que foquemos apenas em nós e em nossos proble-

mas, nos obrigando a fechar os olhos para todos em volta, como se fôssemos únicos, superiores, os mais necessitados.

Não é fácil sofrer, mas entre os meus dias de dificuldades, eu tinha a impressão de que não enxergava mais nada. Era só eu, meu sofrimento e as minhas dificuldades.

Lembre-se que a dor é única, cada um sente da sua forma, sendo assim impossível igualar a nossa dor com a do outro. O que é impossível e difícil para você pode ser tranquilo para o outro, e vice-versa. Por isso que ante o caos, temos que ter uma visão ampliada, não podemos nos deixar levar pela cegueira que o caos traz.

A história de José, descrita em Gênesis, é uma prova da importância de termos um olhar ampliado diante dos problemas. Sendo o filho preferido de Jacó (Gênesis 37:3), José foi alvo da inveja dos irmãos (Gênesis 37:4)

e mal tratado por eles. Não devia ser fácil para José, que não tinha culpa por seu pai tratá-lo de forma diferente, muito menos tinha culpa da inveja dos irmãos. Não dá para cobrar uma atitude assertiva de um adolescente, nem acreditar que ele deveria ter uma visão ampliada da vida. O pai o mimava, já que era o filho preferido, e os irmãos não gostavam disso, o que é uma situação complicada por si só.

O ódio dos irmãos aumentou quando ele teve alguns sonhos, além de ser bem tratado pelo pai, todos iriam se curvar diante dele. Aquilo foi a gota d'água para seus irmãos. José deveria morrer, mas no final foi vendido como escravo (Gênesis 37:28). De filho preferido e sonhador, José virou escravo. Sua realidade havia mudado da noite para o dia.

Como escravo, ele foi trabalhar na casa de Potifar, que era um oficial da guarda do palácio (Gênesis 39:01). Lá José acabou ganhando a simpatia de Potifar, e acabou tendo uma

posição de destaque. Contudo, como acontece a toda a posição de destaque, ele foi alvo da mulher do oficial (Gênesis 39:7), mas José se recusou a se deitar com ela, e depois disso foi acusado de estupro (Gênesis 39:14-20), e foi preso por isso.

Na cadeia, preso de forma injusta, ao invés de reclamar, ele se destacou, conquistou a amizade do carcereiro e acabou virando uma espécie de encarregado dos presos (Gênesis 39:22-23). E lá, enquanto trabalhava, ele interpretou dois sonhos que acabaram acontecendo. Sendo que depois de interpretar, o único pedido que ele fez ao copeiro do rei foi que, quando tivesse seu cargo restituído, lembrasse dele. E ele se lembrou, dois anos depois (Gênesis 40:1-23). Imagine você ajudando alguém, e esta pessoa esquecer de você, e lembrar apenas dois anos depois, meio que por acidente?

José é um personagem que eu admiro muito, pois apesar de todos os percalços, parece-me que ele soube

lidar com todo o sofrimento. Nos diversos lugares que esteve presente, ele conseguiu transitar e se destacar. Soube olhar adiante, e principalmente, aprendeu a confiar em Deus.

É interessante ler as diversas passagens que dizem basicamente a mesma coisa: “O senhor Deus estava com José” (Gênesis 39:2; 39:21; 39:23). Esta era a única certeza de José, ele confiava em Deus, e sabia que no final, apesar de todos os problemas, Deus estava com ele.

José tinha 17 anos quando todo o caos começou a acontecer (Gênesis 37:2), e tinha 30, QUANDO finalmente virou governador de todo o Egito, conforme o seu próprio sonho (Gênesis 41:46). Foram praticamente 13 anos de sofrimento e percalços, mas José confiava em Deus e sabia olhar em volta. Charles R. Swindoll complementa:

“Por que, então, José foi tão importante? Ele foi importante por causa da sua fé em Deus, que se manifestou

em uma atitude magnânima em relação a outros e da sua atitude magnífica diante das dificuldades. Uma fé sólida leva a uma boa atitude” (2000, p. 175-176).

Quando temos fé em Deus, passamos por qualquer adversidade. É preciso, durante o sofrimento, aprendermos a não enxergar apenas nós e a nossa situação. É importante termos uma visão ampliada, entendendo que podemos não estar compreendendo todo o sofrimento, mas que também nós não estamos sozinhos. Isso é confiar em Deus.

Crer em Deus não é só motivo de esperança, mas também é a ferramenta que faz com que olhemos em volta, que compreendamos que não somos os únicos a sofrer. A dor estreita a nossa visão, mas a confiança em Deus nos faz vermos além do que estamos passando.

O modo como olhamos para as diversas situações da vida determina a nossa atitude, a nossa paz e como va-

mos lidar com os percalços. Quando ajustamos a nossa lente, agimos de forma mais assertiva e menos egoísta.

Não é fácil passar por momentos de dor, é claro que não, contudo, a nossa atitude vai definir o teor da dor. Às vezes aumentamos ainda mais o sofrimento, por não quisermos aceitar a situação, ou mesmo por ficarmos remoendo tudo sem parar.

É preciso aprender a aceitar, e seguir em frente. Não é se entregar para a situação, e sim, aceitar e caminhar, buscando novos motivos, novas formas e novas saídas, confiando sempre no fato que Deus está conosco.

“Por que, então, José foi tão importante? Ele foi importante por causa da sua fé em Deus, que se manifestou em uma atitude magnânima em relação a outros e da sua atitude magnífica diante das dificuldades. Uma fé sólida leva a uma boa atitude” (2000, p. 175-176).

XI – FIDELIDADE OU MORTE

O sofrimento sempre levanta questionamentos, é impossível sofrer sem se perceber injustiçado. Mas talvez o ponto mais complicado é que não aceitamos muito o sofrimento por não vermos nele propósito. E ao mesmo tempo servirmos a um Deus poderoso, que pode acabar com o sofrimento na mesma hora.

Por mais que possamos ser contra as teologias que fazem parecer Deus um garçom, pronto para nos servir, em muitos momentos agimos com o pensamento semelhante. É difícil conciliar o sofrimento com o fato de que Deus pode acabar com a calamidade quando Ele quiser. E a história de Jó é impressionante justamente porque não fala apenas da fé, mas também de alguém que não abandonou Deus mesmo perante o sofrimento.

É preciso tentar enxergar além de nós, nossas vontades e desejos, e

principalmente, acima do que vemos, pois às vezes acreditamos estar vendo, mas no final, só percebemos o que queremos. Com o tempo, conforme busquei respostas para minha dor, pude perceber que a verdade era que eu estava sendo egoísta, e queria que tudo acontecesse da minha forma.

Muitas vezes, períodos de dor nos fazem egoístas, nos mantêm olhando apenas para o nosso umbigo, como se tudo tivesse que acontecer à nossa maneira. O exemplo que Jó nos deixa é muito grande, ele não se deixou abater pelas calamidades e apesar de sua situação, continuou a servir a Deus, contrariando o que satanás disse para Deus (Jó 2:4). Já parou para pensar que se Jó tivesse desistido de Deus, satanás teria vencido?

A história de Jó é muito infeliz. Ele sofreu não só com a perda de dinheiro e da saúde, mas porque seus amigos também estavam fazendo com que o

A ODISSÉIA DA DOR

sofrimento fosse maior, por conta de seus pontos de vista. Mas uma coisa ficou clara neste texto: apesar do sofrimento, Jó não abandonou a fé.

A dor, as dúvidas e todo o sofrimento que temos de passar não podem nos separar de Deus e da sua misericórdia. Deus é a resposta para toda a dor. E por mais que nem sempre entendamos o motivo do caos, confiar é a única certeza que devemos cultivar em meio às dúvidas e problemas.

Ser fiel não está ligado ao que ganhamos, e sim a como cremos. A fidelidade não é uma moeda de troca, e sim um posicionamento. É aprender a confiar, mesmo que a situação peça para você desistir.

Existe uma lógica para agir assim.

Somos limitados, e nem sempre percebemos a mão de Deus. Nos encontramos no olho do furacão, nos sentimos abandonados por estarmos em meio às dificuldades, sem percebermos Deus cuidado de nós.

Quando entendemos o tamanho do privilégio que é servir a Deus, não nos posicionamos como merecedores, e sim, como pessoas gratas que sabem quem são e entendem a grandiosidade desse privilégio.

No final, quem ganhou foi Jó, que conheceu a Deus em meio à dor, um Deus que, antes, ele apenas tinha ouvido falar (Jó 42:5). O tesouro de Jó foi justamente este! Ter mais intimidade com o criador. Quer maior tesouro que este?

XII - A FÉ DE JÓ

*“Uma fé como a de Jó
não pode ser sacudida,
porquanto é o resultado
de ter sido sacudida”*

(Abraham Heschel)

(YANCEY, 2004, p. 220)

Quando era novo, tive episódios de dores de ouvido muito fortes. Eu lembro como se fosse hoje, eram dores insuportáveis. A questão é que com o tempo, depois de tantas dores, acabei ficando resistente. Hoje eu não tenho mais esse problema de ouvido, porque depois de mais velho, descobri as causas e busquei a cura – contudo, ela me fez mais forte. Não sou imune à dor, sou um ser humano normal, mas sou um pouco mais resistente. A dor para me derrubar, tem que ser muito forte.

Jó é conhecido como um homem

de fé, uma fé inabalável que fez com que ele olhasse ainda mais para Deus ao invés de jogar tudo para o alto. O segredo dele era simples, a sua fé inabalável vinha justamente dos problemas.

Não é fácil passar por situações difíceis, mas são elas que primeiramente nos ensinam. Quando descobrimos a riqueza de aprender com as dificuldades, crescemos e criamos aquela experiência prática da vivência, e a própria vida nos ensina durante o processo.

Em segundo lugar, o caos nos leva a olharmos para Deus e buscarmos a ele com afinho. Nós passamos pelo deserto com a oração, e é de joelhos que enfrentamos as dificuldades, não há outra forma. Isso nos aproxima de Deus. Jó, por conta das dificuldades, passou a conhecer ainda mais a Deus. Jó 42:5 deixa isso muito claro:

“Meus ouvidos já tinham ouvido a

A ODISSÉIA DA DOR

teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (NVI).

É durante as provações que não só buscamos, mas também conseguimos intimidade com o criador. É quando Deus se revela, e nos mostra que não estamos sozinhos, que crescemos e aprendemos a enfrentar as intempéries.

Não foi fácil passar por todos estes vales obscuros, pois em muitos mo-

“Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (NVI).

mentos eu me senti desamparado e abandonado. Mas eu busquei, não me entreguei à dor, e sim, me concen-

trei na palavra de Deus e nas suas promessas.

Foi nestes dias que aprendi a confiar, e me entregar, crendo que no final,

Deus estava comigo. Se cremos que Deus nos ama, devemos confiar em seu amor e não se entregar ao que parece, mas não é.

XIII - ALÉM DO PARÊNTESE DO TEMPO

Quanto mais eu estudava e me aprofundava, mais ficava clara e destacada a minha ignorância. Percebi que entender nem sempre é uma missão fácil. E quando falamos de Deus e os seus propósitos, a missão complica ainda mais.

Não é fácil olhar para o sofrimento e muito menos simples enfrentar um período de dor, sendo que a dúvida aumenta ainda mais, quando somos cristãos e colocamos a nossa fé em Deus. Acreditamos em uma espécie de contradição ao falarmos que servimos a Deus e ao mesmo tempo que passamos por momentos de dor, mas não é uma contradição. Augusto Cury no livro “Os Segredos do Pai-nosso”, fala justamente sobre isso:

“Por que Deus reage de modo tão estranho? A única resposta que encontrei para todas essas indagações é que ele enxerga os eventos existenciais

além do parêntese do tempo, de modo completamente distinto de como o vemos. Nós enxergamos a temporalidade da vida, Ele vê a eternidade. Nós queremos aliviar o sofrimento imediato, Ele procura uma solução definitiva e completa” (2006, p. 123).

Não dá para mergulhar no infinito sem se perder, sem perceber a nossa ignorância e nos consumir em dúvidas e contradições. É como enfrentar um tsunami, ninguém consegue ficar de pé ao contemplar a face de Deus (Êxodo 33:20).

O problema é que muitas vezes usamos o nosso padrão de pensamento e as nossas percepções para tirar conclusões e refletir sobre Deus. Este é o nosso maior erro. Deus não se encaixa nas compreensões humanas, ele está além do infinito, pois ele é Deus.

Não é possível uma criatura enten-

der um Deus eterno, o que podemos fazer é mergulhar na Bíblia, o livro que fala justamente deste Deus que se revela, mas mesmo ela não consegue quantificar nosso Pai. O que sabemos é apenas uma pontinha do que ele é.

E com toda a certeza, ao olharmos nosso sofrimento ou mesmo todo o caos do mundo, pensamos estar vendo uma contradição. Mas não é, pois só vemos uma parte, não temos ideia do todo quando falamos do sofrer. E acima de tudo, não conseguimos perceber propósitos, motivos ou mesmo a ação de Deus em meio ao sofrimento, mas Ele está conosco, sempre e em todos os momentos.

A forma que Deus vê é totalmente diferente da nossa. Deus olha o todo, ele enxerga além do parêntese do tempo, como Augusto Cury pontuou. O fato de não entendermos a nossa dor revela apenas a nossa falta de visão.

A lição que eu aprendi neste período foi confiar e não me guiar pelas minhas limitadas percepções. Não é que eu te-

nha seguido sem pensar e refletir, e sim, que eu entendi que nem sempre temos explicação. Às vezes, quando a dor passa ou os nossos problemas são resolvidos, é que vemos a mão de Deus ou até um propósito para os tempos difíceis.

Você pode empreender uma busca por conhecimento, pode ler e estudar, e isso é ótimo, espero que faça isso, como eu mesmo fiz. Deus nos fez racionais, é por conta disso que nós pensamos e refletimos, nada disso é errado. O problema é acreditar que você vai olhar para o infinito Deus e entendê-lo, ou acusá-lo de negligência por ele não olhar para a sua dor. É muita prepotência pensar assim.

Confiar é o melhor caminho no qual seres limitados podem andar, pois quando falamos de um Deus incognoscível, temos que ter em mente que só entendemos a pontinha, uma mínima fração das coisas que ele permitiu que conhecêssemos. E esta porção deveria ser suficiente para confiarmos nele e entregarmos toda a nossa dor aos seus cuidados.

XIV - DOR BENIGNA

Quando eu era ainda criança, descobri como é possível aprender com a dor em um episódio que ficou gravado em minha memória a vida toda. Meu avô estava soldando alguns equipamentos eletrônicos, sendo que eu, muito curioso, fiquei a observar. Quando ele saiu, resolvi desobedecê-lo e tocar no ferro de solda, e aí, obviamente queimei o dedo. Nunca mais esqueci do ocorrido, foi a minha primeira lição, aprendida nos meus primeiros anos de vida.

Viver é sentir, sendo que este sentir é múltiplo, tem várias facetas, intensidades e gostos. Ele acontece pelo ouvir, quando uma bela música é tocada, também pelo gosto de um saboroso alimento, pela satisfação de conseguir alcançar algo, ou pela dor, que sinaliza que algo não está bem. A dor, que é muito incômoda, é um ótimo sinal, é um aviso que nos faz ir buscar a cura.

Vivemos em um mundo de dor, e é impossível viver sem senti-la. Um filho

nasce em meio à dor, que acaba trazendo alegria, fazendo com que tudo valha a pena. A dor nos avisa quando algo está errado, por isso a falta dela é um grande problema. Quem tem hanse-níase, que antigamente era conhecida como lepra, tem justamente o problema de não sentir dor, e com isso, mutilam partes do corpo sem perceber, ou morrem de problemas que são possíveis de se resolver quando uma pessoa consegue sentir dor, como por exemplo a apendicite. Um mundo sem dor não é só infeliz, mas impossível. Sentir dor faz parte da vida, aprender com a dor é

*“A dor não é uma mera
ilusão, é sintoma da vida.
Onde quer que haja vida,
haverá dor; onde quer que
haja vida, será possível
desmascarar o desespero”
(BONDER, 2011, p. 13).*

A ODISSÉIA DA DOR

a atitude de quem é inteligente.

Eu sei que nem sempre conseguimos entender a dor, pois em alguns momentos ela chega para tirar toda a explicação e toda coerência. Mas podemos crescer com ela, é possível desde aprender com a situação até ser mais empáticos por conta dela.

A dor precisa provocar em nós a oportunidade de ver, de refletir e entender que viver é sentir. A reflexão parece mórbida, e pensar em aprendizado soa como loucura, principalmente quando estamos em sofrimento. Mas para quem descobriu um tumor benigno no ouvido, tudo por conta de uma dor, fato que ocorreu cominho alguns anos atrás, parar para refletir sobre o que aconteceu faz todo o sentido.

Com a dor, eu consegui também entender um pouco a adversidade do próximo e perceber que somos solitários em nosso sofrimento, pois quando algo dói, é apenas em nós e com uma intensidade que apenas quem sente consegue quantificar. Mesmo que você

já tenha passado pela mesma situação que alguém passou, o momento de dor (e alegria) é sempre único, pois cada um sente com uma intensidade. Seja a felicidade, a dor ou a satisfação.

Entender o próximo é um grande desafio, nem tudo o que vemos nós concordamos, justamente por não termos contato com aquela situação. A dor nos faz capaz de perceber e entender, e com isso sermos mais empáticos com os nossos semelhantes.

Por fim, a dor mostra a nossa fragilidade e também como o sentir é único, é um momento solitário e reflexivo, pelo menos para quem sabe aproveitar a situação.

O meu momento de sofrimento neste tempo difícil me permitiu ver e perceber que a dor, a dúvida e o caos, me fazem olhar mais e perceber lições que em tempos bons eu nunca iria aprender, justamente por não conseguir ver.

A vida estável e o conforto muitas vezes nos tiram a visão, mas a dor abre os nossos olhos!

XV – O JUSTO SOFRE

A fé em Deus muitas vezes torna tudo mais desafiador, e para piorar, em alguns momentos parece que ele se esconde. Deus algumas vezes nos dá a impressão de não querer ser claro e evidente, preferindo permanecer no anonimato. Enquanto o mundo e as inúmeras contradições zombam da sua realidade, deixando a sua inexistência ou até possível apatia, ainda mais destacada. É o que nos parece, pelo menos para a nossa limitada forma de pensar, embora eu saiba que não é bem assim.

A dor nos desestabiliza, e o fato de parecer que Deus não liga nos desconstrói, tira a nossa paz e nos joga ao chão. Queremos ver Deus, sentir o seu cuidado e perceber o seu poder agindo em todos os momentos, inclusive nas injustiças do mundo ou mesmo em nossa vida, que muitas vezes é alvo de catástrofes.

O livro de Jó narra justamente este acontecimento e ele é a prova viva que

o justo sofre. Naquele tempo, doenças graves eram atribuídas ao pecado, seja da própria pessoa ou mesmo dos pais. Por ter pecado, Deus estava punindo a pessoa, e o doente tinha que aceitar isso. Mas Jó não era um deles, e mesmo assim o sofrimento o atingiu. O texto diz que Jó era justo e temente a Deus, contudo, o caos invadiu a sua vida, apenas para nos mostrar que o justo também sofre e não está imune ao sofrimento.

Contudo, existe um ponto interessante no livro de Jó, que às vezes passa despercebido em nossa leitura. O texto mostra como uma pessoa justa e íntegra deve passar pela provação. Ravi Zacharias, no livro “Deus: o grande tecelão”, complementa este fato de forma bem pontual:

“Em sua sabedoria, Deus permitiu a provação não apenas para moldar Jó, mas também para nos dar um exemplo de como uma pessoa íntegra se

conduz através da dor e da provação. Ele já possuía um caráter íntegro, mas por meio de seus sofrimentos vemos como uma pessoa íntegra se comporta em meio à tragédia” (2009, p. 41).

A tragédia tem o poder de nos desconstruir, de nos jogar no chão e mostrar nossas limitações. A questão é que o cristão, aquele que realmente segue a Deus, precisa entender que é só confiando que passamos pelas adversidades. Foi este o exemplo que Jó deu a todos.

O livro narra uma das maiores odisséias que podemos ver e mostra como podemos passar por elas. Por mais que as provas, em alguns momentos, tenham desanimado Jó, ele passou pelo sofrimento confiando em Deus. A sua atitude diante do caos só confirmou o que ele realmente era.

Precisamos aprender a transitar pelo sofrimento confiando e entendendo que não estamos sozinhos, pois o justo sofre, passa dificuldades, mas Deus não o abandona.

Descobri nessa minha empreitada que o sofrimento tem o poder de nos tirar as respostas, abalar nossos pontos de vista e crenças. A única coisa que ele não pode fazer é minar a nossa confiança em Deus, que no mais, é só persistir, seguindo o belo exemplo de Jó.

“Em sua sabedoria, Deus permitiu a provação não apenas para moldar Jó, mas também para nos dar um exemplo de como uma pessoa íntegra se conduz através da dor e da provação. Ele já possuía um caráter íntegro, mas por meio de seus sofrimentos vemos como uma pessoa íntegra se comporta em meio à tragédia” (2009, p. 41).

XVI – DEUS ESTÁ NO CONTROLE

Eu já ajudei muitos amigos com mudanças. Lembro-me até da primeira vez em que fui montar um armário de roupas. Era um caos, pois todas aquelas peças, quando estavam soltas, não faziam o menor sentido. Mas com o tempo, e após estudar com cuidado o manual de instruções, descobri todas as funções de cada peça e montei o guarda-roupa da forma certa. Foi um desafio decifrar a lógica das peças soltas, mas eu aprendi.

Em alguns momentos, a vida se assemelha muito com um guarda-roupa desmontado. Tem horas que nada parece ter sentido e os problemas surgem para confirmar isso. O sofrimento tem o poder de transformar a bela vida em algo perdido, aleatório e sem propósito.

É interessante ler a história de Jó e de José justamente por conta dis-

so. Apesar da situação parecer fora do controle, Deus estava na frente de tudo e tinha um propósito. Era apenas Deus quem conseguia ver lógica em todas as peças soltas da vida destes dois homens.

É claro que nem sempre a dor tem um propósito, em alguns momentos os problemas surgem por conta da vida, por estarmos em um mundo de pecado. O caos é uma consequência óbvia do pecado no mundo. Mas Deus está sempre no controle de tudo. Ravi Zacharias complementa:

“Se você não acredita que Deus está no controle e que o fez com um propósito, então você vai se debater nas profundezas da ausência de sentido, afundando nas correntezas e se envolvendo no turbilhão do nada” (2016, p. 43).

Deus está no controle e que confie-

mos nele justamente por ter um propósito para cada um de nós. Quem segue a Deus não vive uma vida aleatória, jogada em um “turbilhão de nada”. Eu gosto da frase que José fala para os seus irmãos, quando ele revela que é o irmão que eles venderam: “Vocês fizeram o mal contra mim, mas Deus transformou o mal em bem” (Gênesis 50:20).

A falta de sentido nos empurra para um turbilhão de desespero e insegurança. Mas a Bíblia é o manual que nos mostra a direção, a vontade de Deus e as suas promessas.

Hoje normalmente sou convidado pelos amigos para montar móveis e estantes, pois devido à prática, consigo montar com alguma habilidade e rapi-

“Se você não acredita que Deus está no controle e que o fez com um propósito, então você vai se debater nas profundezas da ausência de sentido, afundando nas correntezas e se envolvendo no turbilhão do nada” (2016, p. 43).

dez. Os inúmeros armários e mudanças me ajudaram a pegar conhecimento do processo de montagem. A mesma coisa eu digo sobre o sofrimento.

Este período de dúvida, caos e dor me motivou a olhar para a Bíblia e buscar a Deus como nunca busquei. Ao tentar entender os problemas e o silêncio de Deus, aprendi a confiar nele ainda mais.

Deus é soberano e tem o controle de tudo, e por mais que o caos transpareça falta de sentido, precisamos confiar que Deus sabe o que está acontecendo em meio às situações que para nós parecem aleatórias.

Confiar é justamente largar o controle, crendo que Deus está cuidando da nossa vida.

XVII - FALSO PODER

“Como muitos aprenderam para depois ensinar, ninguém percebe que Jesus é tudo de que se necessita até ele ser tudo o que se tem” (KELLER, 2020, p. 44).

Você já se imaginou sem todos os objetos que tem hoje? Sem o seu salário, a sua bela casa e sem a sua estabilidade financeira? Ou mesmo sem a sua saúde, tendo que lidar com um problema que te tira a paz e segurança. Eu já precisei lidar com estas situações e sei que não são momentos agradáveis.

Neste meu tempo de dúvidas, precisei lidar com muitas coisas, não só com os meus questionamentos.

A dor, o caos e problemas financeiros haviam invadido todas as áreas da minha vida. Parecia um vendaval que estremecia e desarrumava tudo, mostrando que no final, as coisas que eu valorizava eram fracas e não tinham muito sentido.

A parte interessante foi que depois de um tempo de dúvidas e questionamentos, pude entender e perceber que Deus estava comigo. Foi no caos, desamparado e sem nada, que percebi que eu já tinha tudo, e que o resto não tinha tanto valor. É quando perdemos que percebemos que o que nos resta é, na verdade, tudo o que precisamos.

Em muitos momentos, os bens e a estabilidade nos dão uma falsa impressão de segurança e controle. Com isso, não percebemos nossos enganos e o imenso vazio que as coisas sem sentido deixam em nosso peito. A sensação de poder que o dinheiro

traz é falsa, assim como algumas de nossas certezas ou coisas nas quais colocamos a nossa confiança.

Muitas vezes substituímos Deus ao confiar nossa esperança em objetos ou lamentar a falta, como se o dinheiro fosse tudo. Lembre-se que o rico se engana por colocar suas expectativas no dinheiro, já quem não tem dinheiro, cai no mesmo erro, quando acredita que o objetivo principal de sua vida deveria ser acumular um monte de coisas.

O pecado é sempre sutil e usa coisas boas e legítimas para nos destruir, como o nosso trabalho, carreira, o dinheiro (para quem tem) e a busca incessante pelo dinheiro (para quem não tem). Normalmente o que nos afunda são as coisas boas, mas que são tratadas da forma equivocada.

O falso poder é confiar em algo

que enferruja, que a traça ou inflação corrói ou mesmo colocar nossas esperanças em nosso potencial, inteligência e condições financeiras. Estas coisas nos fazem seguirmos sozinhos e esquecendo muitas vezes de Deus, mas é em meio à desesperança, que percebemos que na verdade nós já tínhamos tudo.

Foi quando cheguei ao fim da linha, sem emprego, dinheiro e com um problema de saúde bem grave, além de todas as minhas dúvidas, que eu percebi que tudo o que eu precisava era de Deus e de sua graça. O sofrimento e as dificuldades apontam para ele e para o nosso enorme vazio.

O caos mostra que sem Deus não conseguimos enfrentar muita coisa e com isso, entendemos que é só com ele que conseguiremos enfrentar as dificuldades.

XVIII - DISTANTE DE DEUS

*“Se você está se sentindo
distante de Deus,
adivinha quem mudou”
(YANCEY, 2006, p. 52).*

Em uma altura da minha vida, há alguns anos, tive a impressão que tudo não fazia mais sentido. Não tinha mais lógica ler a Bíblia, quando eu orava parecia que estava falando com as paredes, e na igreja, não sentia mais Deus como antes. Era estranho, parecia que eu caminhava sozinho, distante de tudo e de todos, inclusive de Deus. Sendo que foi nestes dias que os primeiros questionamentos sobre Deus e a sua existência, surgiram. Será que Deus realmente existia? Esta era a pergunta que retumbava em minha mente e foi a partir deste ponto, e de algumas dificuldades, como eu falei em outros textos,

que eu comecei a ter problemas com a minha fé, e a empreender a minha odisséia.

A história de Jó me impressiona justamente por conta disso. Era nítido o fato de que Deus tinha abandonado Jó. Inclusive, os amigos, que haviam vindo para consolá-lo, também deram a entender isso. Deus estava castigando Jó, Deus havia abandonado aquele homem. Resumindo um pensamento que fazia parte da cultura da época. Se você estava sofrendo, eles acreditavam que era por sua culpa ou mesmo culpa dos seus pais.

A parte interessante na narrativa de Jó é que ele não virou as costas para Deus. Em meio à dúvida, por conta da situação que ele se encontrava, até uma audiência com Deus ele pediu (Jó 13:3), contudo, desistir de Deus não era uma de suas opções.

É normal passarmos por vales, por momentos nos quais temos a

impressão de que Deus não está mais olhando para nós, ou o pior, como eu mesmo pensei, acreditar que Deus não existe.

A questão é que ao me lembrar destes momentos de dúvida, percebi que foram fases que justamente eu estava mais frio, não orava mais, nem lia a Bíblia. Acreditava que Deus havia me abandonado, mas na verdade, era eu que havia abandonado a minha comunhão com ele.

Na vida corrida, sem querer vamos mudando de prioridade. Nos dedicamos ao estudo, nos preparamos para a nossa profissão, procuramos ser honestos e não deixamos de frequentar os cultos, só esquecemos do principal, que é a nossa comunhão com Deus.

Quando começamos a crer que Deus está distante, a verdade é que é nós que nos distanciamos dele. O colocamos em segundo plano, e não damos as devidas prioridades que um Deus poderoso, como o nosso, deve-

ria ter em nossa vida.

A vida cristã é uma prática, não um costume mecânico, mas uma busca incessante por um Deus que prioriza a comunhão. Tal busca não pode ser baseada em emoção e em sentir. É preciso buscar em amor, por um Deus que anseia estar conosco. A busca é racional e sincera.

Às vezes, aquelas orações que pareciam frias, que não passavam do teto, só resumiam a minha própria condição, e o quanto eu estava priorizando estar com o Criador. Naqueles dias eu estava sentindo Deus distante de mim, mas na verdade, era eu que estava distante dele, era eu que havia desanimado e não mais confiava em sua graça.

Pense nisso quando você se sentir assim e lembre-se de que a prioridade em orar e ler a palavra de Deus é a atitude fundamental para quem quer estar mais perto do criador. Às vezes acreditamos que Deus se distanciou de nós, mas não percebemos que nós é que o esquecemos.

XIX - LIBERDADE INTERIOR

Há muito tempo atrás, em uma empresa onde trabalhava, alguém conseguiu abrir o armário onde eu deixava as minhas coisas e roubar o meu pagamento. No local não havia câmeras e o armário não tinha sinais de arrombamento, com isso, ao levar o acontecido aos meus chefes, ninguém acreditou que o dinheiro havia sido roubado e eu terminei sendo mal visto por todos.

Você já sofreu injustamente? Já passou por alguma situação na qual, sem motivo, o acusaram de cometer algo que você não havia feito? Frequentemente alguns missionários cristãos têm sofrido por pregar ou mesmo acreditar em um Deus diferente da religião e crença dos países onde estão. E eu creio que justamente estas pessoas entendem bem o termo injustiça.

Nós cristãos podemos cometer muitos erros ao fecharmos os olhos

para a fome em muitos países, para a perseguição política ou religiosa e principalmente, para o que aconteceu nos campos de concentração durante a segunda guerra. Por isso é fundamental tentar sair da nossa cômoda posição e observar a realidade que pessoas de outras culturas enfrentam. Esta atitude nos trará uma opinião mais coerente e embasada e também humildade na hora de falar de um tema tão complicado como a dor e o sofrimento.

O livro “Em busca de sentido”, de Viktor Frankl, é uma obra ótima para mergulharmos um pouco na injustiça que o ser humano é capaz de fabricar. No livro, o autor fala um pouco de suas experiências em alguns campos de concentração durante a segunda guerra mundial.

O que salta aos olhos, logo nas primeiras páginas da obra, é, justamente em meio ao caos e injustiça, existirem

Nós cristãos podemos cometer muitos erros ao fecharmos os olhos para a fome em muitos países, para a perseguição política ou religiosa e principalmente, para o que aconteceu nos campos de concentração durante a segunda guerra.

prisioneiros com privilégios que tratavam com desprezo e extrema violência o restante dos presos comuns (FRANKL, 2020, p. 15).

Estes prisioneiros privilegiados eram chamados de Capos. Normalmente estes homens eram escolhidos para ajudar os guardas a fiscalizar e também torturar prisioneiros, quando era preciso. Sendo que muitos deles se mostravam mais cruéis que os próprios guardas do campo

de concentração, quando realizavam a tortura (FRANKL, 2020, p. 16).

É inevitável olharmos para a Bíblia nestas horas e ver que ela está certa ao falar do pecado e do egoísmo humano. E não é difícil encontrar, em nossos dias de paz, aqueles que se aproveitam de situações calamitosas a fim de tirar vantagem de alguém que está passando por dificuldades.

A apatia diante da dor é outra situação que impressiona quem lê o livro. É surreal ver como o ser humano se acostuma com o caos, a dor e a morte. Contudo, o mais legal do livro é ver que mesmo em meio a dor e injustiça, existiram muitos que não se conformaram, e fizeram diferença, mostrando que o meio não havia moldado a sua mente. Viktor Frankl complementa:

“E mesmo que tenham sido poucos, não deixou de constituir prova de que no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma

atitude alternativa frente às condições dadas” (FRANKL, 2020, p. 88).

Muitos, mesmo presos e passando pelas mesmas dificuldades que os outros, conservavam uma liberdade interior e acabavam ajudando, dividindo o pouco (ou quase nada) com o próximo e oferecendo a mão ao necessitado.

Somos chamados a influenciar, precisamos entender que o externo não pode definir nosso interior, e colocar a nossa fé em Deus é o melhor caminho para sermos sal e luz na vida das pessoas.

Ou olhamos para a cruz e buscamos forças em Deus ou a todo o momento permitiremos que a calamidade transforme a nossa vida em uma caminhada sem propósito. Precisamos entender que a verdadeira liberdade

“E mesmo que tenham sido poucos, não deixou de constituir prova de que no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas” (FRANKL, 2020, p. 88).

interior vem apenas de Deus, não há outro modo de ser relevante e fazer diferença na vida das pessoas, é só por meio da sua graça.

XX - QUANDO A IGREJA NÃO É UM PORTO SEGURO

A igreja, de alguma forma, ajudou a complicar o meu período de dor. Eu estava cheio de dúvidas, mas não encontrava apoio, e eu nem os culpo por isso. Algumas empreitadas são solitárias mesmo, nem sempre compreendemos o que uma pessoa está sentindo, mesmo que tenhamos empatia. A pessoa em aflição está só, e é um momento que apenas você e Deus entendem, os outros possuem apenas uma ideia, isso quando têm alguma.

É claro que eu deveria ter conversado, procurado alguém dentro da igreja, mas na época, eu temi não ser entendido. Tinha receio de que os meus amigos ou líderes vissem as minhas dúvidas com outros olhos. Ainda mais porque eu era um dos membros mais antigos da igreja.

Outra coisa que ajudou a piorar a situação foi a discussão entre cal-

vinistas e arminianos nos cultos. E como os arminianos clássicos eram a minoria e entre eles estava eu, em alguns domingos, me incomodava, ao invés de conseguir o alento na palavra que eu tanto precisava. Eu entrava na igreja mau, e saía ainda pior em um tempo onde eu precisava muito de ajuda por conta da minha complicada odisseia.

É um grande problema quando a igreja, ao invés de ser igreja, acolhendo e ajudando, complica ainda mais. O cristianismo não é dividido em calvinistas e arminianos. Somos todos cristãos e as nossas diferenças não deveriam ser motivo para discórdia. E na época eu não sabia o que fazer e me senti muito perdido nesta situação, sem apoio e auxílio, mas há uma saída para estas situações.

O primeiro passo é buscar apoio,

seja dentro da igreja, com amigos que te compreendem e te apoiam, ou mesmo fora dela, com irmãos na fé, que possam te ouvir e te ajudar.

Não dá para andar sozinho quando estamos passando por dificuldades ou mesmo por este tipo de crise. É claro que não dá para procurar qualquer amigo, alguns realmente não ajudam, mas com algum critério e com o auxílio de Deus, você encontrará ótimos apoios.

O segundo passo é buscar limites para essa discussão. Seja claro e pontue o porquê de você estar indo à Igreja. Às vezes, alguns não percebem que acabam falando apenas aquele assunto, terminando por passar dos limites.

Ser claro quanto ao propósito de ir na Igreja e deixar bem delimitado que as discussões têm hora e lugar, sendo que aquela hora é exclusivamente para cultuar a Deus, isso é um

bom começo. Viver em comunidade nem sempre é fácil, mas saber colocar limites é um ponto fundamental para assim não sermos atropelados pelo caos.

É interessante que quando você está passando por um tempo de crise, parece que qualquer problema ganha proporções gigantescas e tudo colabora para que você afunde ainda mais.

Mas o principal é se colocar aos pés de Deus, mesmo que você tenha aquele sentimento de que ele mal está te ouvindo. A nossa busca e o nosso momento de intimidade com Deus não devem ser mediados por emoções, mas sim pela prática da oração e da leitura bíblica.

Você, mais dia ou menos dia, vai ter dúvidas, isso é normal. E ser cristão não é ser alguém de posse apenas das certezas, mas uma pessoa que confia em Deus apesar do caos e das dúvidas.

XXI - ENTENDENDO AS PESSOAS

*“Você nunca entenderá
um homem enquanto
não calçar seus sapatos
e olhar o mundo por
meio de seus olhos”*

*(MANNING, 2008, p.
124)*

Em um belo dia, acordei com dor de dente. Era uma dor horrível, eu nem conseguia raciocinar direito. Com isso, fui ao hospital, e enquanto eu esperava, um senhor se dirigiu a mim e falou que tinha uma dor crônica na perna, sendo que a sua dor era muito maior que a minha. Parecia que aquele homem queria competir, afirmando que a minha dor não era importante e realmente

forte, mas a sua sim. Que forma estranha de ajudar alguém!

A parte complicada que alguém enfrenta ao passar por muito sofrimento, onde existem dúvidas, dor e busca por respostas, é precisar lidar com as pessoas que possuem receitas prontas a toda a hora. Alguns não ajudam com o seu “conselho”, aliás, em alguns momentos, pioram ainda mais.

O mal do ser humano é querer sempre explicar, é uma ânsia de concluir sem saber, opinar sem conhecer ou definir sem entender. O pior é que quase sempre a atitude normalmente é tomada a partir dele, de como vive e o que ele já passou em sua vida, e não do outro, que seria forma certa de agir.

Eu tenho medo de quem trata as pessoas como se fossem todos robôs,

como se estivéssemos programados para sermos iguais, e com isso, sujeitos às mesmas soluções.

Ninguém é igual a ninguém, cada ser humano tem a capacidade de olhar o mundo com os seus olhos, suas vivências e experiências. É a partir daí que tomamos nossas decisões.

Você nunca vai entender o seu próximo a partir de seu próprio olhar. Cada ser humano é um universo, sendo que a forma como fomos criados e o caminho no qual trilhamos define muito quem somos.

Para entender alguém, primeiramente você vai ter que conhecer o contexto daquela pessoa e a sua visão de mundo. Caminhar com uma pessoa tendo como norte sua visão de mundo é algo equivocado. Calçar os sapatos e olhar para o caminho usando seus olhos é a melhor forma de mergulhar no mundo de alguém.

Nós temos medos diferentes, histórias distintas, sonhos e limitações

únicas, que tocam a cada um de uma forma. O medo de uma pessoa não é o mesmo da outra, as coisas que alguém valoriza não são as mesmas que o outro valoriza.

Em um segundo momento, para entender uma pessoa depois de conhecer o mundo por meio do olhar dela, é preciso se colocar no lugar dela e trabalhar a empatia. Você nunca vai sentir a dor do outro e muito menos conseguirá ter total empatia, mas, se estiver consciente, sentirá pelo menos um pouquinho ou, conseguirá aprender a respeitar o seu momento.

Eu sou bem prático. Por isso, enfrento problemas de saúde, desemprego ou qualquer dificuldade de forma menos dolorosa, pois já sofri muito e sendo assim, são poucas as coisas que me abalam.

Quem teve uma vida mais estável, certamente não vai conseguir lidar com um problema do mesmo modo que eu, e entender isso é o primeiro

A ODISSÉIA DA DOR

passo para ser um amigo de verdade, daqueles que realmente se importam e fazem a diferença na vida das pessoas.

Ao projetar o que eu sinto e penso na realidade de alguém, cometo inúmeros erros, mas ao vestir seus sapatos e vivenciar, conhecer e entender alguém a partir da sua realidade, eu entendo quem ela é a partir dela e

não através das minhas projeções, e consigo, desta forma, produzir ações coerentes com a realidade da pessoa.

É difícil discorrer sobre algo que você não conhece ou vivenciou. O mesmo se aplica ao sentimento alheio, por isso, seja mais humilde, e aprenda a calçar o sapato da pessoa antes de opinar, ou nem mesmo opine.

XXII - FINAL

Era mais um dia no qual eu me dirigia à faculdade, já estava no final da graduação em Teologia, e no começo de uma grande certeza, eu acreditava que a minha fé havia esfriado. Cheguei a pensar na possibilidade de abandoná-la de vez. Por isso, subi a avenida bem pensativo, quando senti Deus falar comigo, em meio a todas as dúvidas que me assombravam.

Quem me conhece sabe que eu não sou movido a experiências e emoções, mas, naquele momento, senti Deus me abraçando, sem me dar resposta alguma, mas me proporcionando o melhor, que é a sua companhia e a certeza de que eu não estava sozinho.

Em meio à dor, à dúvida e à impotência, precisei me curvar e confessar que, no final, eu só não queria aceitar que eu não tinha controle algum. Nem sempre temos respostas, nem sempre Deus fala conosco, nem sempre temos o que queremos, mas nunca estamos

sozinhos. E foi este sentimento que me sustentou. Entre o cinza e a dúvida, eu tinha apenas uma certeza: Deus estava comigo, desde o começo da busca, quando eu quase caí no ateísmo, até aquele momento no qual eu o senti comigo, mesmo sem ter explicações.

Deus aparece para Jó depois de muito tempo de sofrimento, mas não dá nenhum esclarecimento. Ele apenas coloca Jó no devido lugar, e deixa claro quem era o Deus naquela situação toda (Jó 38:1-3). Já José não viu Deus como Jó, mas seguiu sempre confiando. Apesar de todo o caos, ele sabia que, no final, Deus estava com ele, por isso ele seguiu e confiou.

A verdade é que algumas de nossas dúvidas são arrogantes, são tentativas de pontuar e controlar. Queremos saber por que sofremos, por que aconteceu determinada coisa com a pessoa que amamos, ou por que Deus não nos responde. No final, as dúvi-

das soam como orgulho, como uma falta de capacidade em aceitar e entender que nós somos humanos, e Deus é Deus, ele sabe de tudo, e ele vai sempre fazer como bem lhe apraz.

Quem somos nós para pôr em dúvida os planos de Deus? O que é o homem, para acreditar que ele pode tudo e controla tudo? Sem Deus não somos nada, já Deus sem nós, continua sendo soberano. Contudo, cheguei a algumas conclusões no que diz respeito ao sofrimento - algumas até já falei, outras não, mas procurarei concluir tudo em um só texto para que possamos encerrar esta odisséia pontuando o assunto de forma bem clara e resumida.

Entenda uma coisa: Deus não é obrigado a nos responder, e servir a ele não é ter as nossas vontades atendidas e muito menos perguntas respondidas, mas é confiar e crer que ele sabe de tudo e vai nos ajudar da melhor maneira possível.

Em primeiro lugar, o mundo é um caos por causa do homem e do peca-

do. Toda a dor e todo o caos são frutos do pecado do homem; o problema de todo o mal é o livre-arbítrio humano e a sua complicada forma de viver. O mundo é este caos, e vivemos dia a dia, tendo que lidar com doenças, catástrofes, e problemas, justamente porque este mundo é um retrato do ser humano. É por conta disso que é complicado culpar Deus pelas nossas mazelas.

Em segundo lugar, o sofrimento demonstra o tamanho da nossa ignorância e o quanto somos limitados. A dor é o resultado de quem o homem realmente é por baixo da máscara de prepotência.

Quando sofremos não vemos à nossa volta, não percebemos nossos erros, e não demoramos em culpar alguém, principalmente a Deus. Não podemos simplificar a dor e o caos, mas também não podemos acreditar que somos os únicos a sofrer. Todo mundo sofre, e quem não percebe isso, na verdade mergulha na ignorância de acreditar que a sua dor é única, ou que muitas

vezes somos os maiores injustiçados. O sofrimento revela a nossa ignorância, e o quanto deixamos de perceber os detalhes, nossas falhas ou mesmo o mundo à nossa volta.

Em terceiro lugar, o sofrimento aponta para Deus. Se a dor nos limita, nos deixa sem ação, uma coisa é óbvia: quando não temos saída, buscamos a única saída, que, por conta da dor, esquecemos ser Deus.

A dor nos leva a olhar para Deus. É quando paralisamos e percebemos que não controlamos nada, que enxergamos ele, e entendemos, que o nosso sentimento de controle é falso. A dor mostra quem somos e o quanto Deus é soberano. É a dor que, quando estamos sem saída, nos obriga a confiar e entregar a nossa vida em suas mãos. Ravi Zacharias complementa:

“Deus, o Grande Tecelão, procura pessoas com o coração terno para nelas colocar a sua marca. Suas marcas e decepções fazem parte desse plano para modelar o seu coração e o modo

como você se sente a respeito da realidade. As dores que você vivencia irão sempre moldá-lo. Não há outro jeito” (2009, p. 40).

A arrogância e a prepotência são comuns no homem. O pecado nos fez egoístas, e suscetíveis a estes males, diante do menor sinal de dinheiro, status e poder. Contudo, as dores nos moldam, transformam o nosso coração e nos obrigam a olhar para Deus e a confiar nele independente da situação. Tudo vai depender de se você confia ou não.

Eu sei que a dor é complicada, e não quero insinuar que é simples passar pelos problemas pelos quais você está passando. Não é fácil ter de lidar com as adversidades. Existem muitas variantes, muitos casos e não é fácil sentir dor ou mesmo ver alguém que amamos sentir, ou ser privado de alguma coisa. Mas confiar e ter em mente que Deus sabe de tudo e nós, quase sempre não sabemos, é a única saída. Normalmente, nós confundimos as coisas e não percebemos o óbvio.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada – **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. São Paulo: Soc. Bíblica do Brasil, 2005.

Bíblia Sagrada – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2013.

BONDER, Nilton, **A arte de se salvar**: Ensino judaico sobre o limite do fim e da tristeza. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

CARSON, DA.; FRANCE, RT.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2012.

CURY, Augusto. **Os segredos do Pai-nosso**: A solidão e Deus, um estudo psicológico da oração mais conhecida do mundo. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2006.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. 50. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

KELLER, Timothy. **Deuses falsos**: as promessas vazias de dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

LEWIS, C. S. **O Grande Abismo**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

LEWIS, C. S. **O Problema do Sofrimento**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

MANNING, Brennan. **O impostor que vive em mim**. 2. ed. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008.

RICHARDS, Lawrence. **Comentário Bíblico do Professor**: Um Guia Didático Completo Para Ajudar no Ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2013.

STOTT, John. **Por Que Sou Cristão**, Minas Gerais: Editora Ultimato, 2004.

SWINDOLL, Charles R. **José**: Um homem íntegro e indulgente, São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000.

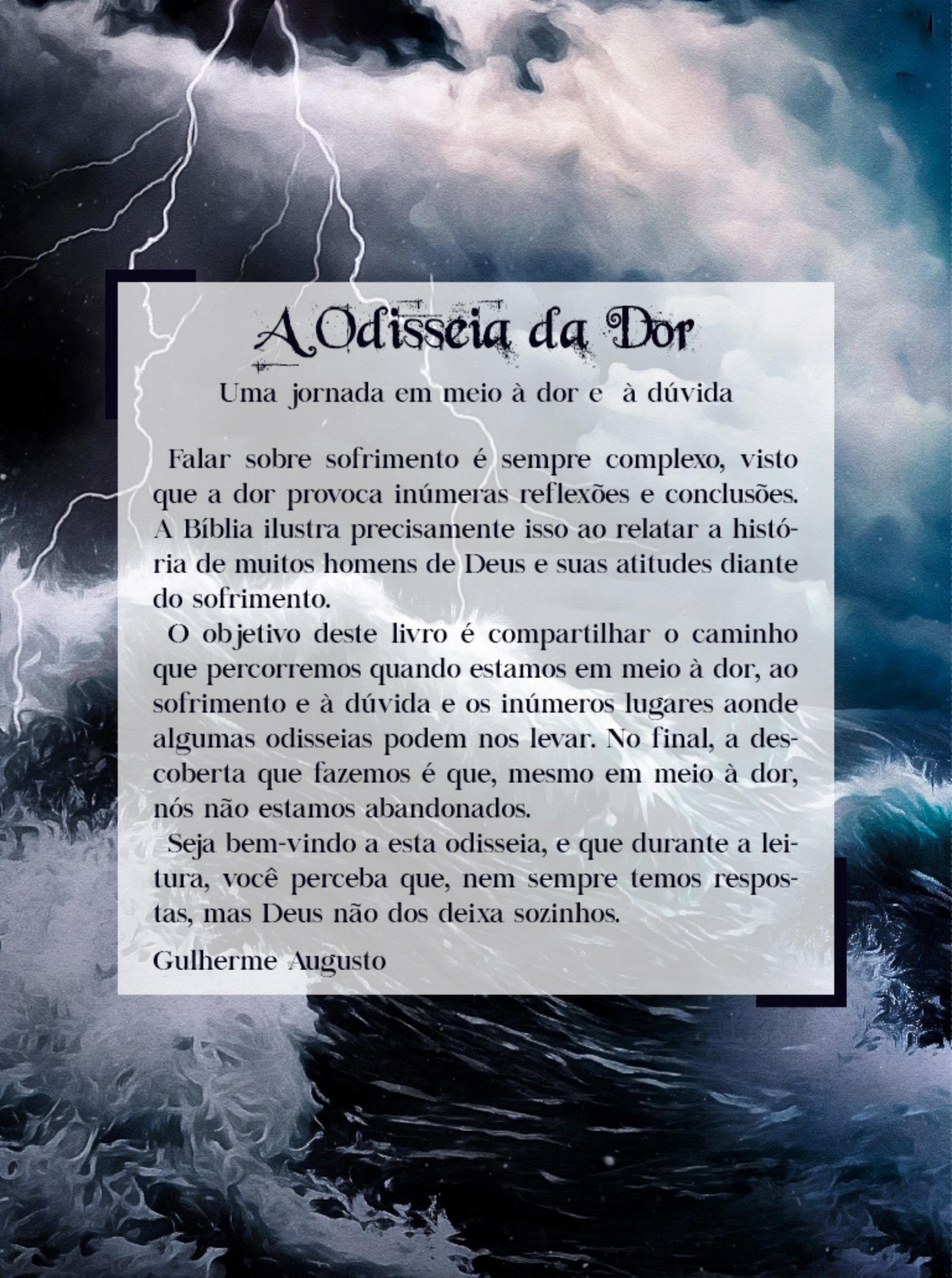
A ODISSÉIA DA DOR

YANCEY, Philip. **A Bíblia que Jesus lia**. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2000.

YANCEY, Philip. **Decepcionado com Deus**: três perguntas que ninguém ousa fazer. São Paulo: Editora Mundo cristão, 2004.

ZACHARIAS, Ravi. **Deus o grande tecelão**: como Deus nos molda por meio dos acontecimentos da vida. 1. ed. 2016. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2014.



A Odisseia da Dor

Uma jornada em meio à dor e à dúvida

Falar sobre sofrimento é sempre complexo, visto que a dor provoca inúmeras reflexões e conclusões. A Bíblia ilustra precisamente isso ao relatar a história de muitos homens de Deus e suas atitudes diante do sofrimento.

O objetivo deste livro é compartilhar o caminho que percorremos quando estamos em meio à dor, ao sofrimento e à dúvida e os inúmeros lugares aonde algumas odisséias podem nos levar. No final, a descoberta que fazemos é que, mesmo em meio à dor, nós não estamos abandonados.

Seja bem-vindo a esta odisséia, e que durante a leitura, você perceba que, nem sempre temos respostas, mas Deus não nos deixa sozinhos.

Gulherme Augusto

